

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO MÉDIO DE FRANCISCO BELTRÃO, PARANÁ

CONSIDERATIONS ABOUT HIGH SCHOOL EDUCATION IN FRANCISCO BELTRÃO, PARANÁ

Ana Claudia Biz
Angela Aparecida Moreschi
Daiane de Oliveira
Fabiana Maria Miozzo
Maiara Tibola*

RESUMO

Este trabalho é resultado de pesquisa feita por meio de entrevista, realizada no dia 4 de Abril de 2012, com alunos do período vespertino do Colégio Estadual Mário de Andrade – Ensino Fundamental, Médio, Normal e Profissional, localizado na rua Tenente Camargo, no bairro Luther King, na cidade de Francisco Beltrão. O objetivo principal era compreender o perfil do estudante do ensino médio daquela unidade escolar, procurando perceber seus medos e preocupações e o que os alunos estariam fazendo depois de concluírem o ensino médio. Nossa pesquisa aponta resultados da situação em que se encontra o ensino médio de nossa cidade, em especial do colégio. Além disso, apresenta a visão de mundo de alguns alunos do ensino médio e do ensino médio formação de docentes.

Palavras-chave. Educação. Ensino Médio. Juventude.

ABSTRACT.

This paper is the result of a research carried out on the 4th April 2012 by means of an interview with students from the afternoon shift of the State School Mário de Andrade – Elementary and High School, Teacher Education and Professional Courses. The school is located on Tenente Camargo Street, in a neighborhood called Luther King in Francisco Beltrão, PR. The main aim of the study was to create the profile of the high school students of that school with the purpose of understanding their fears and worries as well as their expectations after finishing high school. The research points out the situation of high school in Francisco Beltrão, in particular at State School Mário de Andrade, and the world view of regular high school students and students in the teacher education course at high school level.

Keywords: Education. High School. Youth.

* Dicentes do quarto ano da licenciatura em geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), no ano de 2012.

Introdução

O presente artigo é resultado de uma entrevista realizada no dia 4 de abril de 2012, com alunos do período vespertino do Colégio Estadual Mário de Andrade – Ensino Fundamental, Médio, Normal e Profissional¹, localizado no bairro Luther King, na cidade de Francisco Beltrão.

O objetivo da nossa pesquisa foi conhecer a realidade dos alunos do ensino médio, abordando alguns aspectos relevantes sobre o cotidiano escolar. Os alunos puderam expor as suas angústias em

relação à escola, à família, à formação e ao seu futuro profissional.

Para a entrevista, foram selecionados, aleatoriamente, dois alunos de cada ano do ensino médio e duas alunas do segundo ano do curso de formação de docente, totalizando oito alunos (portanto, cinco meninas e três meninos).

A entrevista ocorreu em uma sala reservada, durou aproximadamente 90 minutos e tratou dos temas relacionados anteriormente.

A imagem a seguir mostra a entrada do colégio.

Imagem 1 - Colégio Estadual Mário de Andrade



Fonte: <<http://www.fnbmarioandrade.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/12/850/12/arquivos/Image/fotos/fachada.JPG>>. Acesso em: 27 abr. 2012.

O ensino de Geografia a partir do olhar dos jovens do Ensino Médio

O ensino médio vive atualmente o que muitos denominam *falta de identidade*, já que os alunos não veem razão para permanecer em uma escola que oferece conteúdos completamente desconectados

das suas realidades e extremamente fragmentados, gerando uma inevitável desmotivação. Acerca do tema, Neto e Barbosa fazem as seguintes ponderações:

[...] a prática em sala de aula é ainda hoje assim, extremamente fragmentada em itens sem sentido, isolados e, no conjunto, sem o encadeamento que permite dar significado à geografia escolar. Em parte, essa fragmentação dos conteúdos é resultado direto de uma formação acadêmica na qual se têm docentes e discentes fechados em seus

¹ A escola obteve no Índice Desenvolvimento da Educação Básica no ano de 2009 a nota 5,0 (<<http://www.portalideb.com.br>>, acesso em 10 mai. 2012).

mundos geográficos, pois a especialização dos conhecimentos já é incentivada desde o início do curso de graduação. (NETO; BARBOSA, 2010, p. 162)

Um dos principais problemas está relacionado aos currículos pouco significativos, que não condizem com a realidade dos alunos, não constroem o saber e não instigam os discentes ao processo investigativo.

Na entrevista com os alunos do ensino médio, foi possível observar essa questão. Ao mesmo tempo em que afirmam gostar de geografia, os alunos a consideram uma matéria fragmentada e geralmente desconexa com a sua realidade:

Tipo assim, eu gosto de geografia, porque é uma matéria que está ligada com outras matérias, o que a gente aprende às vezes não é aquilo que nos interessa em aprender, tipo pintar mapas de outros continentes e tal.²

A partir disso, podemos fazer a análise de que o professor deveria partir do conhecimento que o aluno já possui e de sua realidade para depois aprofundar, como menciona Selbach: “Por essa razão, ensinar começa sempre como resgate dos saberes geográficos que o aluno possui. Aquilo que ele já aprendeu com a vida que vive e com o espaço geográfico que o cerca deve oferecer ‘ganchos’ essenciais para a consolidação de sua aprendizagem.” (SELBACH, 2010, p. 40).

Ora, é sabido que o conhecimento é um processo gradual de assimilação de saberes adquiridos ao longo da vida. Trata-se, portanto, de um constante aprofundamento de questões já conhecidas. Como pode, dessa forma, um professor ignorar o grau de conhecimento de seus alunos na hora de preparar e ministrar suas aulas?

Como já registrado, para que a experiência escolar pudesse ser mais produtiva, seria necessário que os conteúdos fossem trabalhados de modo a se observar o nível de desenvolvimento do conhecimento dos alunos. Assim, os temas poderiam ser trabalhados na quantidade e na profundidade adequada para a ocasião.

A falta de interesse tanto dos alunos quanto dos professores é um dos elementos consideráveis

para essa discussão. Muitas vezes, os educandos não procuram complementar os conteúdos trabalhados ou até mesmo fazer a tarefa passada pelo professor, o que ajudaria muito o processo de aprendizagem. Isso ocorre em razão do desinteresse do aluno e não deixa de ser “culpa” dos professores.

Ora, a falta de motivação dos professores certamente pode prejudicar muito a vida de um aluno. Na entrevista com os alunos, ouvimos o seguinte depoimento:

Pra vocês terem uma ideia, a professora (história) disse no primeiro dia de aula que por ela, ela não dava aula porque só 5% da turma ia ser alguém na vida... Putz, isso desmotiva a gente a estudar e a se esforçar.

Tendo visto que grande parte dos professores da escola objeto desta pesquisa está chegando ao final de carreira, acabam perdendo o estímulo e a vontade de ensinar. Por isso, é necessário que o professor mantenha um diálogo e durante as aulas motive os seus alunos a estudar, criando laços de afetividade e evitando o distanciamento e o autoritarismo. Sobre o tema, vejamos os apontamentos de Jesus: “Para potencializar a criação de ‘laços’ com os alunos e a motivação destes, os professores devem evitar o distanciamento, a ‘neutralidade afetiva’ e o autoritarismo, devendo, ao contrário, fomentar uma ‘relação de agrado’, caracterizada pelo diálogo, pela negociação e pelo respeito mútuo.” (JESUS, 2008, p. 22).

Assim sendo, o aluno ficará motivado a estudar, tentando aprender cada vez mais, vendo, enfim, que o resultado do desempenho depende tanto do seu esforço como do estímulo que o professor lhe proporciona.

Sobre isso, um dos alunos entrevistados afirma que

Tem professor que revisa desde lá da 5.^a série até a 8.^a, agora tem professor que não, que ele começa a partir do 1.^o, por exemplo, até o 3.^o entende? Ele vai revisando até o que tu não viu ainda, sabe tipo, é bem... Ficou bem confuso, mas tipo, tem professor que primeiro revisa o que você já estudou pra depois começar... Tipo... Sei lá.

Em contrapartida, uma aluna do 1.^o ano comenta que

² Foram respeitadas as características mais marcantes do modo de falar dos alunos.

Mas tem muitos que não revisam, NE? Que já começam o 1.º ano e vai pra frente, não tá nem aí se você sabe, não sabe, tanto faz.

Essa desconexão com a realidade tem explicações históricas, que remontam às origens do próprio ensino médio no Brasil e se confundem com a sua filosofia principal. Como bem pontua Pinto,

[...] o ensino médio foi construído sob a marca da seletividade (um ensino para poucos) e que seu objetivo central sempre foi à preparação para o ingresso no nível superior (caráter propedêutico) [...] Objetivo refletido em conteúdos curriculares desvinculados da realidade concreta da população brasileira, na separação entre teoria e prática e em metodologias de ensino que valorizavam a memorização e a postura passiva do aluno. (PINTO, 2002, p. 56).

Ora, não há como negar que essa é a filosofia predominante dos conteúdos e práticas de ensino, que, desvinculada da realidade dos alunos, conduz diuturnamente o ensino médio para se tornar um curso pré-vestibular de três anos de duração. Infelizmente, não se pensa naquele aluno que não pretende seguir estudando; para este, o ensino médio é apenas uma tortuosa etapa que em nada contribui para sua vida enquanto cidadão.

Uma opção para esse dilema é a adoção do quarto ano do ensino médio, cuja metodologia se destina principalmente a jovens que não queiram cursar o ensino superior, os quais teriam na escola a chance de uma formação em curso técnico profissionalizante, fornecendo-lhe qualificação e facilitando a inclusão no mercado de trabalho.

Historicamente, o ensino médio no país se presta a atender aos anseios de uma diminuta parcela privilegiada da sociedade, preparando-a, como já dito, para os exames admissionais de seletas instituições de ensino superior. Com isso, acabou por se tornar sinônimo de uma mercadoria rentável.

A maioria dos alunos que cursa o ensino médio está acima da idade prevista para o término do curso. Eles trabalham ou estão em busca de emprego; alguns estudam à noite e frequentam as aulas cansados. Além disso, os professores e as escolas estão despreparadas para lidar com esta situação, utilizando-se de currículos pouco vinculados à realidade dos alunos. Isso, por sua vez, contribui para a falta de identidade desta etapa da educação básica.

Afinal, qual o objetivo do ensino médio? Será que ele deve ser profissionalizante? Preparar os jovens para entrar na universidade? Para resolver os problemas que enfrentarão ao longo da vida? Ou tudo ao mesmo tempo? Estas são algumas das perguntas que norteiam esta questão. Sobre isso, um entrevistado aponta que

Se a pessoa já estivesse decidida, o que ela quer fazer, aí seria mais fácil. Agora, tipo, tem pessoas que entram no ensino médio e não sabem nem se querem terminar o terceiro.

Os educandos precisam envolver-se de fato com a escola. Para isso, o professor deve estabelecer uma relação mais concreta com os conteúdos trabalhados e com as perspectivas para o futuro, de modo que os alunos compreendam o significado e a utilidade do ensino médio e se sintam motivados a aprender.

Outro aspecto relevante e que muito influencia o rumo que esses jovens irão seguir é a sua relação com a família e a forma como a educação dos filhos é por ela encarada.

Na maioria das falas dos alunos, encontramos relatos de alguns pais que, apesar de aparentemente terem evoluído em alguns aspectos da modernidade, estão fechados para um diálogo mais construtivo, capaz de compreender e fazer com que tenham posturas diferentes perante as diversas situações da sociedade.

Quando questionados a respeito da relação com a família e de opção sexual e sexualidade, podemos perceber nas falas dos alunos que ainda vivemos em uma sociedade preconceituosa:

Nossa, meu pai não aceitava de jeito nenhum se tivesse um filho gay, mas ele ainda diz que preferia ter um filho gay do que uma filha lésbica.

Na maioria dos depoimentos dos alunos em relação à opção sexual, há apoio de um dos lados (pai ou mãe). Em alguns casos, falta apoio de ambos os lados, como no depoimento em que o aluno relata que “meus pais me matam”, referindo-se à questão de opção sexual (os pais não aceitariam de forma alguma que o filho fosse gay).

Esse preconceito ainda existe por parte dos pais em relação ao emprego ou à opção de profissão que os jovens pretendem exercer no futuro. É o que

nos relata uma aluna do 1.º ano cujo pai não aceita que a filha seja agrônoma, apresentando um exemplo de preconceito pela profissão,

Tipo, meu pai fala que agronomia é coisa de homem, que mulher não pode ser agrônoma. Para ele eu tenho que ser dentista.

Em relação à conversa e a orientação por parte dos pais e à sexualidade, os jovens relatam que têm uma abertura para falar com os pais, mas ainda com moderação. Alguns pais ainda têm receio de falar sobre esse tipo de assunto com os filhos ou, ainda, podemos ver que muitos não acreditam que os filhos estejam na idade certa, consideram-nos muito jovens. Uma aluna da formação docente diz que tem uma conversa aberta e direta com a mãe, ao contrário do pai, sendo assim em todos os casos:

Eu, tipo, tenho uma conversa bem aberta com minha mãe, ela sabe tudo de mim, sempre pede se estou namorando. Se meu pai souber que não sou mais virgem, ele tem um troço.

Um aluno do terceiro ano diz que

Meus pais não estão nem aí pra mim. Não tenho conversa nenhuma com eles, só moro com eles, mas nunca converso de nada.

Durante a entrevista, percebemos este aluno quieto e sem interesse. Será esse o comportamento em sala de aula? Podemos analisar isso a partir da fala do aluno. Se ninguém está aí pra ele, porque ele vai ter vontade de estudar? Muitas vezes, durante a entrevista, ele deixou clara a vontade de deixar a escola, pois não vê sentido nenhum em estudar.

Em outra fala, destacamos o seguinte:

Minha mãe é surtada, sumi de casa um dia pra resolver um negócio e ela ficô loca comigo. Meu pai disse “Deixa lá, ele dorme na casa de meu primo.”

Percebemos que o envolvimento dos pais afeta muito o desenvolvimento escolar dos alunos, pois esse mesmo aluno nos conta que, por causa dos muitos “problemas” em casa, já pensou em usar droga:

Tento conversar com meu pai, mas ele é muito tonto, leva tudo pra brincadeira. Aí tenho muitas vezes que pensei em fumar, mas daí não fumo, sei lá, pra resolver os problemas, sabe? Tenho um amigo que faz isso.

A afirmação anterior nos mostra que, sem a atenção devida dos pais, muitos jovens podem buscar auxílio nas drogas. Por isso é importante que os pais participem e tenham interesse na formação de seu filho, para que ele perceba o apoio da família e assim tenha maior empenho nos estudos.

A permanência do aluno na escola deve ser estimulada principalmente pelos pais, pois ter acesso à educação é um direito de todos. Porém, na prática se nota que nem todos usufruem desse benefício, o que é lastimável pela importância da educação. Segundo Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no seu artigo 2.º, “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Sendo assim, o Estado deve garantir o acesso à educação de qualidade. E garantir igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Infelizmente, na prática a teoria mostra-se bem diferente.

Em muitos casos, as escolas dispõem de estrutura extremamente precária, sem as mínimas condições de receber os alunos, não havendo vagas suficientes, o que resulta em salas de aulas superlotadas. Se todos os jovens e pessoas que não têm a educação básica buscassem essa formação, certamente não haveria vagas para todos.

Outro fator que deve receber atenção é que muitos dos alunos não concluem nem mesmo a 8.ª série, e os que iniciam o ensino médio acabam abandonando a escola por conta de muitos fatores: anos seguidos de repetência, estrutura precária das escolas, notas baixas por não ver relação da sua vida com os conteúdos estudados, dificuldade em acompanhar as aulas por falta de professores, dentre tantos outros motivos que levam os alunos para fora das salas de aula. Percebemos tais problemas claramente quando ouvimos o relato de um aluno:

A gente até tenta terminar os estudos, mas é difícil, aí dá vontade de parar, só que daí meus pais não deixam. Se eu parar meu pai me mata, e eu não gosto de estudar, não vejo muito futuro nisso.

Quando lhe foi perguntado sobre o que pensa em ser no futuro, que profissão pretende seguir, o mesmo aluno responde que

Ah, tipo não sei! Acho que nada.

Trevisan (2012) ressalta que a desmotivação é resultado dos altos índices de abandono e evasão e de notas preocupantes e baixas, como confirmam as avaliações nacionais e internacionais. Esses índices deixam muito clara a diferença entre escola pública e particular.

Na escola particular, vemos que os pais são mais participativos e interessados no desenvolvimento do aluno. Assim, cobram resultados de seu filho. Com uma situação financeira favorável, o aluno tem à disposição diversas facilidades (BOURDIN, 1996) para melhorar seu aprendizado, como cursinho, curso de inglês e outras línguas, e os professores, além de transmitirem seu conhecimento, atuam também motivando os alunos.

Já na escola pública, vemos a partir do relato dos alunos, nem todos os pais participam da formação dos filhos, deixando de lado seu desenvolvimento. Muitos dos alunos precisam trabalhar para ajudar suas famílias e os professores encontram-se desmotivados, estressados, sem tempo para preparar uma boa aula. Assim, na maioria das vezes, acabam por desanimar os estudantes.

As escolas têm como função tornar os alunos críticos, formar pessoas instruídas e que se tornem atuantes na sociedade. Para que isso aconteça, é necessária uma educação de qualidade em que o aluno irá progredir e desenvolver suas capacidades intelectuais. A escola pública, por sua vez, não tem mostrado tantas qualidades previstas nas leis que norteiam a educação pública brasileira.

Algumas escolas públicas têm uma grande parcela de culpa no ensino fraco que oferecem, pois, segundo Bourdin, (1996, p. 3), elas estão inseridas em uma mentira social, pois mentem para seus alunos quando falam em igualdade:

A igualdade de oportunidades, numa sociedade dividida em classes é uma piada. [...] Para diminuir as desigualdades, para que isso mude, são necessários movimentos sociais graves, manifestações, revoluções etc. A sociedade muda pelos movimentos sociais, pelas lutas sociais e políticas. [...] O que a educação pode fazer é fabricar jovens

instruídos, capazes de iniciativa e de reflexão crítica. E esses jovens poderão fazer movimentar a sociedade, se eles participarem nas lutas sociais e políticas. [...] A desigualdade social não é uma fatalidade, é algo que pode ser mudado, graças à ação dos homens, mas essa ação que pode mudar as coisas não é educação, é ação social e política coletiva. (BOURDIN, 1996, p. 5-6).

Outra mentira que a escola pratica é aprovar sem que os alunos tenham mérito. Os professores atribuem-lhes notas superiores às que realmente merecem, para que o aluno apenas passe de ano, não se importando com o indivíduo que estão formando.

Podemos perceber a indignação dos estudantes pela fala de uma aluna:

Tipo, a gente até se esforça, estuda e até vai bem nas provas e tal. Só que daí chega o fim do ano e aquele cara que não fez praticamente nada o ano inteiro, para passar de ano professor dá um trabalhinho e pronto, é suficiente para passar. Tipo, isso dá raiva, é injusto com os outros que se esforçaram. Ai isso faz com que a gente também não tenha vontade de estudar e entender as matérias, já que chega o fim do ano e todos passam.

Para combater o fracasso escolar, é necessário lutar. Professores, alunos, famílias, organizados e conscientes do objetivo em questão, têm o direito de lutar em busca de melhorias no ensino. Enquanto a escola pública estiver associada à mentira e à violência social, ela também deverá sofrer com essas mentiras e a educação continuará inserida nesse fracasso.

O que causa um desconforto ao olharmos para esses jovens é encontrar neles a falta de atitude perante certos momentos considerados decisivos para sua vida. Alguns não estão totalmente cientes da importância de estudar. Não conseguem estabelecer perspectivas de futuro muito acima de sua realidade.

Por medo de serem repreendidos pelos professores ou até mesmo pelos colegas de classe, muitos jovens reclamam das metodologias utilizadas por alguns professores, mas não conseguem dialogar para entrar em um consenso entre ambas as partes para buscar melhoria.

Alguns alunos entrevistados disseram não gostar de determinadas disciplinas por causa do professor e outros argumentaram que não encontram sentido nos conteúdos que o professor esta aplicando:

Tipo, eu até gosto um pouco de história mas ela [professora] é muito loca, dá umas provas exageradas, com muitas perguntas. Uma vez ela deu uma só porque os alunos tavam conversando. Aí ela disse que ia fazer prova-surpresa, e na outra aula fez. E ela fala muito, chega e encher o quadro de texto.

Os alunos reclamam de alguns professores que tornam as aulas cansativas e menos atrativas para eles, como menciona Freire:

Narração dos conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. [...] Por isto mesmo é que uma das características desta educação dissertadora é a “sonoridade” da palavra e não sua força transformadora. (FREIRE, 2003, p. 57).

Muitas vezes a explicação do professor não é aprofundada, e passa a ser, como o autor afirma, uma narração de conteúdos. O professor é o narrador e o aluno é o ouvinte. Isso ocorre porque o professor não é autônomo em seu trabalho e muitas vezes utiliza somente o livro didático, reproduzindo algo já existente, que frequentemente não condiz com a realidade e o interesse dos alunos, impossibilitando-o de ter autonomia, formar cidadão de opinião crítica para entender o sistema em que está inserido, e por várias vezes é enganado em falsas promessas e perspectivas de futuro.

Os interesses do Estado em investir na capacitação e formação de professores e alunos estão fortemente ligados aos interesses capitalistas. Segundo Mészáros,

A educação, que poderia ser uma alavanca essencial para a mudança, transformou-se em instrumento daqueles estigmas da sociedade capitalista: “fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à maquinaria produtiva em expansão do sistema capitalista, mas também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes. (MÉSZÁROS, 2005, p. 15).

O resultado, conseqüentemente, é a revolta dos alunos, o que muitas vezes gera violências graves, tanto na escola como fora dela. Bourdin (1996) afirma que em uma sociedade dividida em classes a igualdade de oportunidades passa a ser uma piada, e nem todos acham graça.

Para que seja amenizada esta situação e ocorra uma transformação no sistema de ensino, é necessário que a comunidade e a população em geral se organizem por meio de movimentos sociais, pois a desigualdade social é algo que pode ser mudado. Segundo Bourdin (1996, p. 6), a ação dos homens pode mudar as coisas por meio da ação social e política coletiva, sendo que a cobrança não deve ser somente voltada para a educação.

Segundo José Marcelino de Rezende Pinto, se quisermos uma escola com um padrão mínimo de qualidade, como, aliás, determinam a Constituição Federal e a LDB, temos que investir pelo menos 25% de nossa renda *per capita* com cada aluno da educação básica. Nesse sentido, a educação precisa formar jovens que sejam instruídos e tenham capacidade de reflexão para movimentar a sociedade.

Temos que ter a consciência da necessidade da mudança do ensino médio que encontramos atualmente. Juntamente com a população e a sociedade civil, temos que nos colocar à frente das decisões, conhecer nossos direitos e nos manifestarmos diante das situações que encontramos.

Considerações finais

Durante nossa pesquisa, foi possível identificar que o perfil do aluno do Colégio Estadual Mário de Andrade apresenta características muito semelhantes às de tantos outros jovens que estão no ensino médio no Brasil.

Como característica destes jovens, encontramos a dificuldade de relacionamento com a família, pois parte dos alunos afirma que os pais estão muito ausentes na sua formação, já que estão aprisionados a uma rotina de trabalho, não havendo tempo para o diálogo.

Esses alunos, por não se encontrarem no contexto de ensino e aprendizagem, que lhes é apresentado, veem na escola apenas um lugar de passagem e não encontram formas de aproveitar melhor esse espaço.

Esses jovens, em meio a tantas transformações tecnológicas e informações, procuram resultados imediatos e facilitados. É visível a vontade apresentada por eles de estar em frente ao computador e não em sala de aula ou até mesmo lendo um livro.

A escola e o professor não se tornam atrativos para a maioria dos alunos, e isso dificulta e enfraquece cada vez mais a sua qualidade. Nessa realidade, o professor sente dificuldade para encontrar diferenciados meios de ensinar que prendam a atenção dos alunos.

A dúvida e a insegurança são duas características explícitas no diálogo com esses jovens. E essas características são também resultado de diversos fatores relacionados à educação pública e à influência que ela representa para a sociedade.

É de fundamental importância que os professores compreendam a realidade em que esses alunos estão inseridos para que possam dialogar de modo a contribuir significativamente para a formação dos alunos.

Por fim, salientamos que este trabalho foi de fundamental importância, pois se trata de uma realidade futura que passaremos a conviver a partir do estágio supervisionado II e também como futuros docentes.

Referências

BOURDIN, Jean-Yves. **Violência e crise na escola dos pobres**. Revista ADAPT-SNES. Sindicato Nacional do Ensino Secundário, FSU, maio, 1996.

BRASIL. **Lei 9395/99 das Diretrizes e Bases**. Brasília: MEC, 1996.

_____. **Plano Nacional de Educação 2011-2020**. Brasília: MEC, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

JESUS, Saul Neves de. **Estratégias para motivar os alunos**. Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 21-29, jan./abr. 2008

LANDIM NETO, Francisco Otávio; BARBOSA, Maria Edivani Silva. O ensino de geografia na educação básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na Geografia. **Geosaberes**, Fortaleza, v.1, n.2, p.160-179, dez.2010.

LIMA, Nísia Trindade. Juventude e Ensino Médio: de costas para o futuro? In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, Maria (Orgs.). **Ensino Médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004.

MÉSZÁROS, Istvan. **A educação para além do capital**. São Paulo, 2005. Editora Boitempo.

SELBACH, Simone; ANTUNES, Celso (Coord.). **Geografia e didática**. Petrópolis-RJ; Vozes, 2010.

TREVISAN, Rita. **Em busca da identidade**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/ensino-medio>>. Acesso em: 09 abr. 2012.

Recebido para publicação: 15/05/2012

Aceito para publicação: 27/07/2012